

O Processo de Observação em Contexto Desportivo. A relação entre a observação e algumas variáveis de natureza psicológica

P. Sarmiento
M. C. Rodrigues
I. Varela
H. Guerra

Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Resumo. – Este estudo incidiu sobre o processo de observação em contexto desportivo. O nosso objectivo foi construir uma «prova de observação» e relacionar os resultados com os de testes de memória visual, atenção e discriminação perceptiva visual. Para testar os itens que constituíram a «prova de observação» (seis execuções em Bruços, Natação, com «erros técnicos»), utilizámos a «validade concorrente» e a sua sensibilidade (If e Id) com uma amostra (N=52) de estudantes universitários de Educação Física.

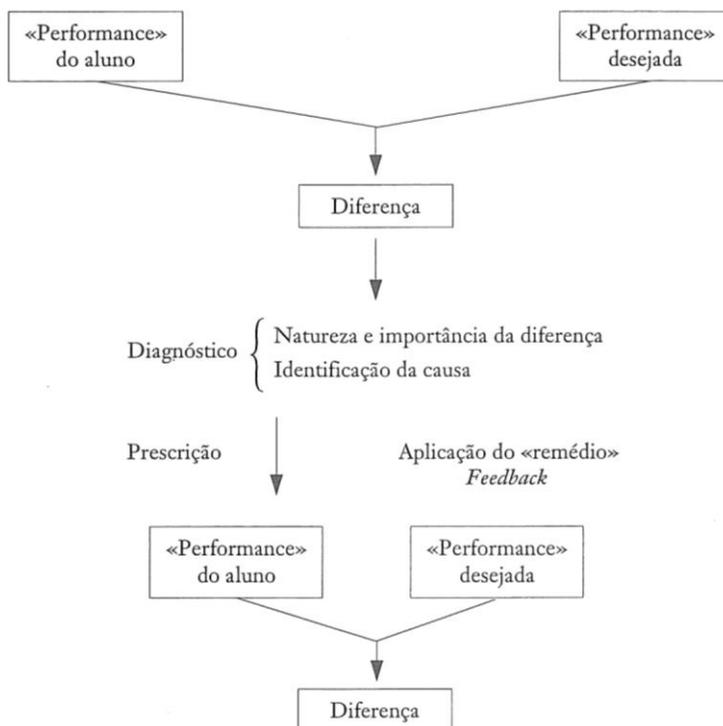
Da amostra inicial foram retirados aleatoriamente dois grupos (N=15 e N=16) para realizar os testes acima referidos, e cujos resultados foram relacionados com os da observação. Enquanto os resultados globais da «prova de observação» se mostraram satisfatórios (embora com alguns itens a merecerem revisão), os resultados relacionais não deram indicações positivas.

Contudo, se considerarmos as referidas capacidades como influentes no processo de observação deveremos continuar a pesquisar no sentido de compreender completamente o «treino de observação» e as suas variáveis de influência, especialmente quando estudamos (observamos) as tarefas desportivas.

Ser capaz de observar um movimento, um gesto desportivo e identificar as suas características (correctas e/ou incorrectas), representa uma das competências necessárias ao professor/treinador.

A observação faz parte da sequência de características do ensino: observação – interpretação – decisão. Até ao momento, esta capacidade

Figura 1.
Modelo de estudo das retroacções (Hoffman, 1983).



tem sido objecto de poucos estudos sistemáticos, tanto no contexto do ensino como no do treino. Não obstante e apesar do seu limitado número, alguns dos estudos contêm uma multitude de estratégias de ensino, tanto para o êxito da acção com o aluno, como para o desenvolvimento da vida da classe e do êxito pedagógico.

Para o professor/treinador, a observação do aluno/atleta tem em conta vários elementos da relação pedagógica: organização dos alunos, respeito pelas normas de comportamento e realizações motoras.

O *feedback* deriva da capacidade que se tem para tomar decisões oportunas, com base em informações pertinentes obtidas quando da realização de uma observação, seja ela realizada formal (através de instrumentos de observação), ou informalmente (ocasionalmente). Tal capaci-

dade perceptiva diz respeito não só à resposta motora do aluno, como também ao envolvimento / condições em que este se encontra.

Por *observação «diagnóstica»* entende-se a identificação dos problemas da execução, de valorizar a diferença que existe entre o seu próprio comportamento e o que deveria ser desenvolvido para alcançar os objectivos fixados. Assim, observar a execução de um aluno/atleta consiste na primeira etapa para determinar a qualidade da reacção pedagógica (*feedback*), pois que é a partir desta observação que se vai decidir se a execução motora é ou não correcta.

Sabemos que um dos maiores problemas da observação é o próprio observador (Kohn, 1974), uma vez que este influencia todo o processo que envolve o «objecto» observado. Reparemos que ele é portador de um passado a que não são alheios os seus pressupostos – os seus modelos implícitos e explícitos – que o vão condicionar a ver.

Verifica-se que os critérios de escolha no campo da observação são utilizados de acordo com estes pressupostos, passando o conhecimento da matéria observada por uma série de «filtros» pertencentes ao observador.

Esta a razão pela qual têm aparecido muitos estudos sobre a influência das características intrínsecas ou extrínsecas do observador nas transformações ocasionadas pela observação, nomeadamente no que se refere ao ensino e ao treino (alteração de aprendizagem e/ou de desempenho) das destrezas motoras, designadamente as desportivas (Armstrong e Hoffman, 1979; Pauwels, 1979; Hoffman, 1983; Sarmiento, 1987).

O objectivo deste trabalho é averiguar, na sequência de trabalhos anteriores (Sarmiento, 1987), da relação hipoteticamente existente entre a competência de observação e algumas capacidades intrínsecas ao observador e que a podem (?) influenciar.

A população amostral é constituída por estudantes universitários da licenciatura em Educação Física e Desporto e por especialistas em Natação, perfazendo um total de 52 indivíduos compreendidos entre os 18 e os 38 anos de idade.

Para atingir o objectivo do nosso estudo, é necessário validar uma prova de observação tendo em conta o comportamento dos vários itens. Não efectuamos, por isso, qualquer diferenciação ao nível da formação académica, da experiência profissional, da idade e do sexo.

1. *Estudo da «competência de observação».*

Este trabalho centra-se na observação «diferida» em plano subaquático e consiste na identificação de erros técnicos.

A tarefa motora escolhida para o efeito é a técnica de braços da natação desportiva. Pretende-se avaliar o comportamento de cada item da «prova de observação» face à composição (variedade) da amostra. Este comportamento é-nos dado, naturalmente, pela observação manifestada por cada elemento da amostra, cujos dados servirão o nosso objectivo de estudo ou seja, determinar a validade e a sensibilidade da respectiva prova (fig. 2).

No protocolo da observação é pedido ao observador que identifique o erro técnico mais grave, após ter visualizado um conjunto de imagens relativas à mesma execução motora. Após a sua identificação e para cada uma das seis observações referentes à técnica de braços, o observador procedia ao seu respectivo registo na ficha de observação (fig. 3, p. 60).

1.1. *Seleção das imagens / prova de observação.*

Das várias execuções apresentadas, a selecção recaiu sobre as que se apresentavam em dois planos diferentes: frontal e lateral (da esquerda para direita). As seis imagens seleccionadas que constituem as seis observações apresentam três execuções motoras diferentes vistas em dois planos alternados: a primeira (lateral) é igual à segunda (frontal), a terceira (lateral) é igual à quarta (frontal) e a quinta (lateral) é igual à sexta (frontal).

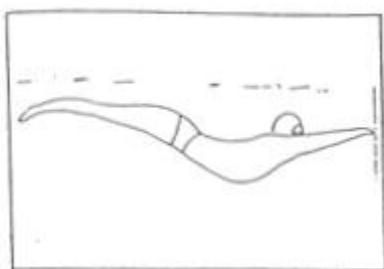
Depois de seleccionadas as imagens que constituem a prova de observação deste trabalho, procedeu-se à sua montagem, de forma a que a apresentação das mesmas seguisse o mesmo critério.

1.2. *Formas de apresentação.*

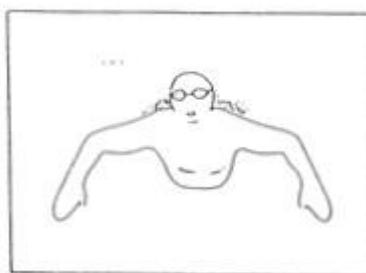
As imagens seleccionadas foram gravadas sucessivamente durante 60", o que equivalia a que cada execução motora fosse visionada no monitor repetidamente durante aquele tempo.

Entre cada observação aparecia o dístico *Observação n^o* – indicando o número da observação seguinte, durante 4".

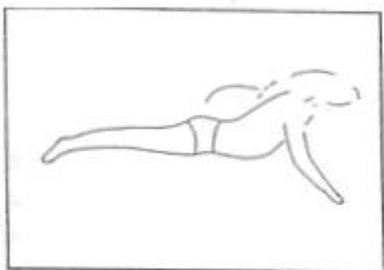
Figura 2.
Prova de observação.



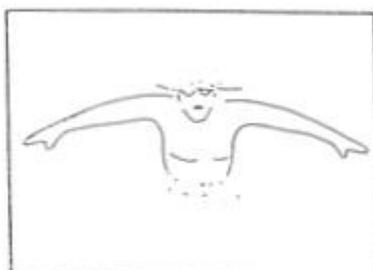
1. Muita oscilação / ondulação.



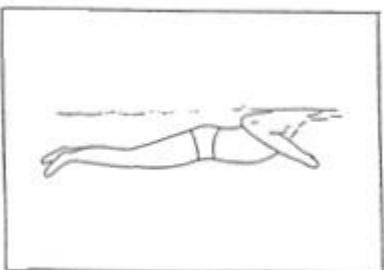
2. Muita oscilação / ondulação.



3. Trajecto das mãos muito largo.



4. Trajecto das mãos muito largo.



5. Cotovelos passam a linha dos ombros.



6. Cotovelos passam a linha dos ombros.

1.3. Normas de aplicação.

Os observadores estavam sentados em frente do monitor permanecendo em silêncio durante o visionamento de cada «observação», após o que dispunham de igual tempo para assinalar na ficha o respectivo resultado. O equipamento era por nós controlado, assim como o tempo destinado ao registo dos respectivos dados.

1.4. Registo de observação.

O registo do material observado foi efectuado numa ficha de observação já utilizada (Sarmiento, 1987). A mesma está organizada em duas partes, destinando-se a primeira à localização e a segunda à especificação do erro técnico (fig. 3).

1.5. Validade da prova.

O tipo de validade específica utilizada, a validade concorrente, foi determinada a partir da opinião de especialistas e realizada em sessão laboratorial. Consideramos especialistas os indivíduos com formação académica específica e com mais de três anos de experiência profissional.

Apresentamos na tabela 1 (p. 62) os resultados obtidos a partir da opinião de dez especialistas.

O índice de concordância para cada item de observação foi efectuado pela fórmula de Bellack (acordos e desacordos).

Numa primeira apreciação, constatamos que os itens 1, 5 e 6 foram os mais correspondidos pelos observadores especialistas, enquanto o item 3 se comprovou como o de mais difícil solução.

1.6. Validade de item.

A validade de cada item foi determinada tendo em conta os acordos/ /desacordos de todos os observadores, relativamente a cada um deles. Verifica-se que os itens 1 e 5 apresentam valores mais elevados, enquanto o item 3 apresenta um valor muito baixo.

Tabela 1.

Os resultados obtidos a partir da observação de dez especialistas.

<i>Observações</i>	<i>Acordos/respostas correctas</i>	<i>Desacordos/respostas incorrectas</i>	<i>Fórmula de Bellack^a</i>
Item 1	8	2	80
Item 2	4	6	40
Item 3	2	8	20
Item 4	6	4	60
Item 5	9	1	90
Item 6	8	2	80

$$^a \left(\frac{A}{A+D} \times 100 \right).$$

1.7. Sensibilidade.

A sensibilidade da prova de observação foi determinada através dos índices de dificuldade (If) e de discriminação (Id).

Índice de dificuldade. A fórmula utilizada revela a proporção de observadores que responderam correctamente a cada item e assume valores entre 0 e 1. Ele será tanto maior quanto menor for a dificuldade do item em questão. Embora a prova apresente um valor global aceitável (If=0.44), existem índices inaceitáveis.

Índice de discriminação. Traduz o modo como os indivíduos testados se comportaram em relação a um determinado item.

A aplicação da fórmula respectiva revelou que o item 5 deverá ser substituído por outro melhor formulado, enquanto o item 4 deverá ser aperfeiçoado.

Índice de discriminação global. Este índice refere-se à média das indicações de todos os itens que compõem a prova de observação. O resultado (0.43) revela um item bem construído (tab. 5, p. 64).

Comparando os itens 1 e 5 vemos que são os de mais fragilidade avaliativa (If mais elevado) e apresentam índices de discriminação mais baixos, respectivamente: item 1: If=0.76; Id=0.42, item 5: If= 0.73 e Id=0.17. Observe-se também que o item 1, comprovadamente o mais difícil (If=0.76), é simultaneamente o menos discriminativo (Id=0.42), o que parece contraditório.

Tabela 2.

<i>Observações</i>	<i>Acordos / respostas correctas</i>	<i>Desacordos / respostas incorrectas</i>	<i>Fórmula de Bellack</i>
Item 1	40	12	76,9
Item 2	16	36	30,7
Item 3	6	46	11,5
Item 4	16	36	30,7
Item 5	38	14	73,0
Item 6	23	29	44,2

Tabela 3.

	<i>Respostas certas</i> (ΣC)	<i>Total de respostas</i> (N)	$I_f = \frac{\Sigma C}{N}$
1	40	52	0,76
2	16	52	0,30
3	6	52	0,11
4	16	52	0,30
5	38	52	0,73
6	23	52	0,44

Na verdade, a relação entre I_f e I_d só é directa entre determinados valores de I_f . Se todos os observadores responderem ao item ou se nenhum responder, isto é, para $I_f=1$ e $I_d=0$, o índice de discriminação será obviamente 0 (zero).

Quanto mais elevado for o I_d de um item melhor, ao passo que o I_f óptimo será de 0.50. Quanto maior é I_f , mais fácil é o item. Assim, os itens que apresentam maiores índices de dificuldades (mais fáceis), são os itens 1 e 5, embora se consultarmos a tabela não quer dizer que estejam bem construídos.

O item 6, por seu lado, obtém um $I_f=0.40$, portanto bem construído. Os itens 2 e 4 com I_f iguais a 0.30 terão de ser revistos (melhorados), enquanto o item 3 se considera de construção inaceitável (0.11).

Quanto ao índice de discriminação, verificamos que os itens 1, 2 e 6 se encontram bem construídos, pois apresentam valores superiores a 0.40 (tab. 6, p. 64).

O item 3 apresenta-se de construção aceitável, já que o seu I_d é igual a 0.32.

Tabela 4.

	$\Sigma C(27\%+)$	$\Sigma C(27\%-)$	$N(27\%+)-$ $= N(27\%-)$	$Id = \frac{\Sigma C(27\%+)}{N(27\%+)} - \frac{\Sigma C(27\%-)}{N(27\%-)}$
Item 1	13	7	14	0,92 - 0,5 = 0,42
Item 2	10	0	14	0,71 - 0 = 0,71
Item 3	4,5	0	14	0,32 - 0 = 0,32
Item 4	6,5	3	14	0,46 - 0,21 = 0,25
Item 5	13	10,5	14	0,92 - 0,75 = 0,17
Item 6	13,5	3	14	0,96 - 0,21 = 0,75

Tabela 5.

	<i>Acordos</i>	<i>Desacordos</i>	<i>Fórmula de Bellack</i>	<i>Índice de dificuldade</i>	<i>Índice de discriminação</i>	<i>Índice de discriminação global</i>
Item 1	40	12	76,9	0,76	0,42	0,43
Item 2	16	36	30,7	0,30	0,71	
Item 3	6	46	11,5	0,11	0,32	
Item 4	16	36	30,7	0,30	0,25	
Item 5	38	14	73,0	0,73	0,17	
Item 6	23	29	44,2	0,44	0,75	

0,40	≤	If ≤ 0,60	item bem constituído
0,35	≤	If ≤ 0,65	item de construção aceitável
		If = 0,50	item óptimo
outros valores			itens inaceitáveis

Embora a prova apresente um valor global aceitável (If=0,44), existem índices inaceitáveis.

Tabela 6.

	Id ≥ 0,40	- item bem constituído
0,30	≤ Id ≤ 0,39	- item de construção aceitável
0,20	≤ Id ≤ 0,29	- item de construção inferior
	Id ≤ 0,19	- itens inconsistentes

De acordo com os valores da tabela e os resultados obtidos, poderemos concluir que o item 5 deverá ser substituído por outro melhor formulado, enquanto o item 4 deverá ser aperfeiçoado.

O item 4 apresenta-se como o item de construção inferior, pois o Id é igual a 0.25; terá, por isso, de ser melhorado ou substituído.

O item 5, cujo Id é igual a 0.17, é um item inconsistente, terá, por esta razão, de ser substituído por outro.

O índice de discriminação global da prova é igual a 0.43, apresentando-se como um bom valor para confirmar a validade da prova de observação.

No entanto, em aplicações futuras deverá haver substituições de itens ou a melhoria em termos de apresentação para observação.

2. *Estudo da relação entre competência de observação e memória visual, atenção e percepção discriminativa visual.*

Partindo da permissa de que tais capacidades podem, de alguma forma, influenciar a competência de observação, tentaremos verificar tal relação através das relações dos resultados da realização das respectivas provas-teste.

Da população acima referida foram retirados aleatoriamente alguns indivíduos (n=15; n=16) que tinham realizado a prova de observação (cfr. tab. 7 e fig. 3, p. 66).

2.1. Procedimentos metodológicos.

Após efectuada a prova de observação, foi solicitado aos indivíduos que realizassem os respectivos testes. Para estudar a relação entre as frequências dos dados obtidos utilizou-se a técnica do qui-quadrado ($p=0.05$).

O teste de memória visual MV2 traduziu o índice individual de cada um dos observadores em relação à capacidade de fixação e retenção de informação visual (tab. 8, p. 66).

Os resultados foram estudados, não no sentido global da prova de observação, mas relativamente aos vários momentos da prova de observação.

Estudada a relação entre os resultados do teste de memória visual e da prova de observação em cada um dos seus (seis) momentos, verificou-se, para esta amostra, não haver relação significativa.

Tabela 7.

(Na coluna da Escolha, o primeiro número é o da localização, o segundo é o da especificação. Na coluna da Cotação, 0 significa não acertou; 0,5 acertou na localização mas errou na especificação do erro, e 1 acertou).

	1		2		3		4		5		6	
	Escolha	Cotação										
SF-15	1,2	1	1,2	1	2,1	0	4,5	0	3,3	0,5	3,3	0,5
AS-9	1,2	1	1,2	1	3,2	1	3,2	1	3,3	0,5	3,3	0,5
EH-21	3,5	0	3,5	0	2,3	0	3,2	1	3,1	1	3,1	1
FH-25	3,5	0	3,5	0	1,3	0	3,2	1	3,4	0,5	3,4	0,5
TU-10	1,2	1	3,2	0	6	0	3,2	1	3,1	0,5	3,6	0,5
XB-13	1,2	1	4,5	0	2,3	0	3,2	1	2,3	1	3,1	1
BC-30	1,2	1	3,5	0	3,2	1	3,2	1	3,1	1	3,1	1
IJ-5	1,2	1	4,3	0	2,1	0	3,2	1	3,1	0,5	3,4	0,5
OM-32	1,2	1	1,2	1	1,3	0	1,3	0	3,1	1	3,1	1
NO-7	1,2	1	3,5	0	1,1	0	3,2	1	3,1	0,5	3,4	0,5
CD-2	1,2	1	1,2	1	2,1	0	2,1	0	3,4	0,5	3,3	0,5
GH-4	1,2	1	1,2	1	4,6	0	4,2	0	3,1	1	3,1	1
LM-6	1,2	1	3,5	0	2,3	0	3,2	1	3,1	1	3,4	0,5
AD-23	1,2	1	1,2	1	2,1	0	5,5	0	3,1	1	3,1	1
BD-24	1,2	1	1,2	1	3,5	0,5	6	0	3,4	0,5	3,4	0,5

Figura 3.

Observação técnica da frequência de escolhas.

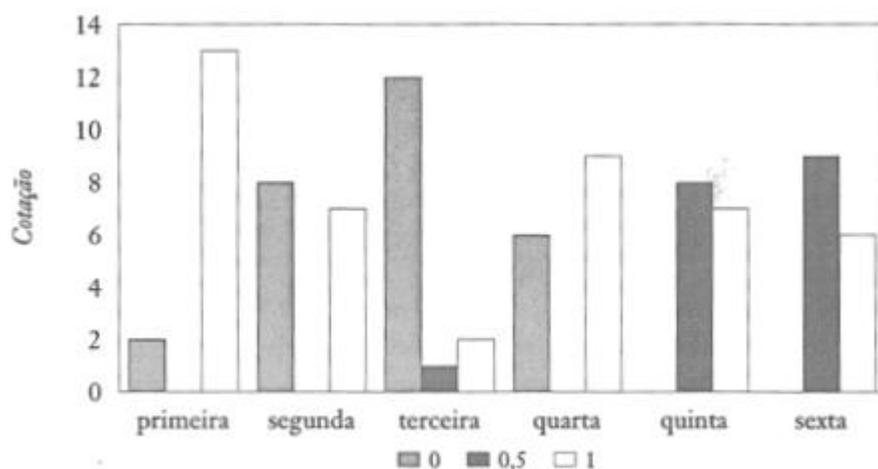


Tabela 8.

	<i>MV2</i>		<i>MV2</i>
SF-15	8	OM-32	18
AS-9	13	NO-7	21
EH-21	16	CD-2	19
FH-25	22	GH-4	13
TU-10	2	JM-26	10
XB-13	23	LM-6	7
BC-30	21	AD-23	12
IJ-5	9	BD-24	21

Após efectuada a prova de observação e realizado o teste de F.I. de Thurstone, foram relacionados os respectivos dados relativos a cada momento da observação (tab. 9, p. 68). Não se registou qualquer correlação significativa entre os dados recolhidos ($p > 0.05$).

No estudo da relação da competência de observação com a atenção voluntária permanente (TPV = velocidade de execução), verificou-se uma correlação positiva entre os resultados obtidos no teste de atenção (TPV) e os resultados do terceiro momento de observação ($p = 0.05$).

No estudo da relação da competência de observação com a capacidade de concentração (T.Pex. = exactidão de execução), verificou-se uma correlação positiva entre os resultados obtidos no teste de atenção (T.Pex.) e os resultados obtidos no terceiro momento de observação ($p < 0.05$).

No estudo da relação da atenção concentrada com polireacciógrafo (ATC 200), verificou-se não existir correlação entre os resultados obtidos no teste de atenção concentrada e os resultados obtidos nos seis momentos da prova de observação ($p > 0.05$).

3. Conclusão.

Podemos então dizer que a competência de observação é influenciada pela atenção no terceiro momento da prova, facto que pode levantar algumas dúvidas quanto ao tempo (6-8' de tempo de observação) em que esta observação decorre, ou seja, sensivelmente a meio da prova, o que pode provocar uma modificação dos mecanismos que regulam a atenção,

Tabela 9.

	<i>FI</i>	<i>TPV</i>	<i>T.pex</i>	<i>ATC</i>				<i>Observações</i>					
				<i>B</i>	<i>M</i>	<i>O</i>	<i>B-M</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>6</i>
CD-2	35	194	12	186	12	2	185	1	1	0	0	0,5	0,5
GH-4	35	209	6	192	3	5	192	1	1	0	0	1	1
IJ-5	48	277	5	165	18	17	162	1	0	0	1	1	0,5
LM-6	38	264	10	195	4	6	197	1	0	0	1	1	0,5
NO-7	52	300	1	198	2	0	197	1	1	0	0	0,5	0,5
RS-9	46	299	10	189	6	4	188	1	1	1	1	0,5	0,5
TU-10	37	208	8	187	7	6	186	1	0	0	1	1	0,5
XB-13	35	218	4	195	4	1	194	1	0	0	1	0	1
SF-15	46	255	6	189	10	0	180	1	1	0	0	0,5	0,5
EH-21	47	268	3	147	7	36	144	1	0	0	1	1	1
AD-23	48	226	3	174	24	2	169	1	1	0	0	1	1
BD-24	43	196	16	193	5	2	193	1	1	0,5	0	0,5	0,5
FH-25	60	295	2	191	5	4	190	0	0	0	1	0,5	0,5
JM-26	33	200	36	191	0	9	191	0	1	0	0	1	0,5
BC-30	48	370	11	196	3	1	194	1	0	1	1	1	1
OM-32	49	252	7	198	0	2	198	1	1	0	0	1	1

não se registando mais nenhuma relação positiva entre os resultados de qualquer das realizações.

Contudo, sabemos que sendo a observação a análise cuidada do movimento, esta recorre a suportes teóricos ou práticos já adquiridos, pois que ao colocarmos um indivíduo a observar determinado movimento solicitamos também a memorização do que se observa: porque o movimento é muito complexo; e porque é necessário reter para poder comparar ou registar o que se viu.

Não é a «boa» ou a «má» memória que está em causa, mas sim o tipo de avaliação da memória para percebermos o seu grau de envolvimento neste processo. É lógico e óbvio que conhecer o movimento é imprescindível para o poder observar/analisar.

Conhecer o movimento implica ter a competência de identificar as acções de modo tal que possibilite ao observador apontar qualquer desvio à técnica correcta.

Não se trata, portanto, de recorrer directa e unicamente à memória «livresca», e sim à compreensão (experiência) corporal, à formação individual, situando-a nos conhecimentos teóricos.

Ao observar, o indivíduo faz uso de um processo dedutivo do movimento, através das relações entre as «componentes críticas» da tarefa e o resultado objectivado.

Pretendeu-se com este trabalho, a exemplo de outros já realizados (Sarmiento, 1987), aprofundar o processo de observação através da «observação estruturada». Para tal, seguimos os processos de aferição (validade e sensibilidade) para a construção de uma prova de observação, com base numa amostra heterogénea. Verificámos igualmente a possibilidade de relação com algumas variáveis de natureza psicológica, de forma a perceber a interferência (influência) destas variáveis nos resultados da observação.

Os resultados encontrados, relativamente à construção da prova de observação, levam-nos a concluir que há alguns itens que devem ser revistos, dado os graus de dificuldade e discriminação que apresentaram, dificultando assim o estudo e as conclusões com os resultados dos outros testes.

No que respeita ao resultado negativo do estudo relacional com os testes de natureza psicológica, julgamos poderem ficar a dever-se a dois prováveis factores: a validação e sensibilidade dos itens da prova não é ainda a correcta ou, por outro lado, os testes não espalham com suficiente clareza a capacidade que se pretende medir.

Parece-nos, no entanto, que há que continuar a estudar a construção de provas de observação de forma a podermos desenvolver processos de «treino de observação» com vista a melhorarmos a competência de intervenção dos nossos futuros professores/treinadores, intensificando igualmente esforços no sentido de estudar as variáveis de natureza intrínseca aos observadores.

Referências

- Arend, S., e Higgins, J. (1976), «Strategy for the classification subjective analysis and observation in human movement», in *Journal of Human Movement Studies*, vol. 2, nº 2.
- Armstrong, G., e Hoffman, S. (1979), «Effects of teaching experience knowledge of performance competence, and knowledge of performance outcome un performance error identification», vol. 50 (3), pp. 318-27.
- Amaral, J. R. (1967), *O teste de barragem de Toulouse-Pieron*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- Antonelli, F., e Antonelli, S. (1978), *Psicologia del deporte*, tomo I, col. Kiné, de Educación e Ciência Deportiva, Minon.
- Colaço, C., e Passarinho, J. (1986), *Métodos de Análise quantitativa, qualidades específicas de um teste*, vol. 2, UTL/ISEF.
- Cratty, B. (1984), *Psicologia do Esporte*, Prentice-Hall, Rio de Janeiro, Brasil.
- Freemon, F. (1980), *Teoria e Prática dos Testes Psicológicos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Hoffman, S. (1983), «Clinical diagnosis as pedagogical skill», in *Teaching Physical Education*, Templing and Ohsom eds., Human Kinetics.
- Imwold, C. (1983), «Visual recognition of gymnastic skill by experienced and inexperienced instructors», in *Research Quarterly for Exercise and Sport*, vol. 54, nº 2.
- Kendler, H. (1972), *Introdução à Psicologia*, vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Khon, R. (1974), *Le problème de l'observation*, INEF, *Comunicações, Seminários*, Abril, pp. 1-3.
- Pauwels, J. M. (1979), «Observation. An important part of didactic proficiency», in Haag, K., *Physical education and evaluation. Proceedings of XXII, I CHPER World Congress*, WKHS eds., pp. 208-17.
- Reischle, K. (1979), «Diagnosis of skill level (Butterfly, Backstroke, Crawl) through subjective observational technique», in K. Haag, *Physical education and evaluation. Proceedings of XXII, I CHPER World Congress*, WHKS eds., pp. 239-43.
- Rubinstein, S. L. (1972), *Princípios de Psicologia Geral*, vol. 5, Editorial Estampa, 1972.
- Sandy, G., e Sandy, D. (1984), «The implementation and evaluation of a methodological approach to qualitative sport skill analysis instruction», in *Journal of teaching in physical education*, Winter, vol. 3 (2), pp. 60-70.
- Sarmiento, P. (1987), «Observação de Movimentos Desportivos. Influência da formação e da experiência na identificação de erros técnicos em Natação», in *Dissertação de Doutoramento*, UTL/FMH, Lisboa.
- Siegel, S. (1975), *Estatística não Paramétrica*, Mc Graw Hill, São Paulo.

Abstract. – This study incided about the 'observation process' in sportive context. Our objective was to construct a 'observation test' and to relate the results with the results of the tests of visual memory, attention and perceptive visual discrimination.

To verify the items including the 'observation test' (six performance models of Breastroke with 'deviations movement') we are utilized the 'concurrent validity' and 'sensibility' (If and Id) with a sample (N=52) of university students of Physical Education. After that we are selected uncertainly two groups (N=15; N=16) to realize the psychologies tests and the results were related with the observation's. While the global results of the 'observation tests' showed a satisfactory behavior (althought with some items to be reviewed), the relationals results weren't positivs. However, if we believe about the influence of these capacities in the observation process we must to prolong the experiences to understand completely the 'observation training' and their variables of influence, specialy when we study (observe) the sportive tasks.